

**OS ANOS QUE AINDA ESTÃO AQUI:
ECOS DA DITADURA NO CINEMA BRASILEIRO**

*THE YEARS THAT ARE STILL HERE:
ECHOES OF THE DICTATORSHIP IN BRAZILIAN CINEMA*

Larissa Ribeiro dos Santos; Luísa Novaes Rienda Soares

Resumo

Este artigo tem como proposta realizar uma análise da obra cinematográfica *Ainda Estou Aqui* (2024), dirigida por Walter Salles, que retrata a história do desaparecimento forçado do ex-deputado cassado, Rubens Beyrodt Paiva, na madrugada de 20 de janeiro de 1971, e o posicionamento político ativo de sua esposa, Maria Lucrécia Eunice Facciola Paiva, na luta para encontrar seu marido. O longa-metragem é uma adaptação do livro *Ainda Estou Aqui* (2015), escrito pelo filho do casal, Marcelo Rubens Paiva, que aborda, não só um fato histórico ocorrido durante a ditadura empresarial-militar brasileira, mas realiza uma reflexão crítica acerca da falta de responsabilização, que se perpetua até hoje, pelos crimes de violência e assassinato cometidos pelos militares e apoiadores do regime. Nesse sentido, a produção cinematográfica detém a importante função de resgatar as memórias da repressão, ignoradas ou esquecidas, diante de um crescimento da extrema-direita no cenário político atual.

Palavras-chave: Ditadura Empresarial-Militar; Caso Rubens Paiva; Eunice Paiva; Lei da Anistia; Comissão Nacional da Verdade; *Ainda Estou Aqui*.

Abstract

This article aims to analyze the cinematic work *Ainda Estou Aqui* (2024), directed by Walter Salles. The film portrays the story of the forced disappearance of former impeached congressman Rubens Beyrodt Paiva in the early hours of January 20, 1971, and the active political stance of his wife, Maria Lucrécia Eunice Facciola Paiva, in the fight to find her husband. The feature film is an adaptation of the book *Ainda Estou Aqui* (2015), written by the couple's son, Marcelo Rubens Paiva. It not only recounts a historical event from Brazil's corporate-military dictatorship but also offers a critical reflection on the ongoing lack of accountability for the crimes of violence and murder committed by the military and supporters of the regime. In this context, the film plays a crucial role in recovering the memories of repression, often ignored or forgotten, against the backdrop of a rising far-right presence in contemporary politics.

Keywords: Corporate-Military Dictatorship; Rubens Paiva's case; Eunice Paiva; Amnesty Law; National Truth Commission; *I'm Still Here*.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O filme *Ainda Estou Aqui*, lançado em novembro de 2024 no Brasil, sob direção de Walter Salles, tem gerado grande repercussão nacional e mundialmente. Sua notoriedade se deve ao fato de o longa não apenas expor as violências cometidas durante um dos períodos mais sombrios da história brasileira, mas também apresentar os acontecimentos de forma sensível, permitindo ao público se conectar emocionalmente com a história da família Paiva. O sucesso do filme tem impulsionado discussões na mídia nacional e internacional, resultando uma série de notícias, podcasts e vídeos que lançam luz ao contexto da ditadura empresarial-militar¹ brasileira, aos anos de chumbo e à trajetória da família Paiva.

Além disso, o longa trouxe à tona conceitos importantes para a historiografia, como a questão da memória, do trauma e do testemunho. O livro que deu origem ao filme foi publicado em 2015, posteriormente aos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, criada em 2014 com o objetivo de investigar as violações de direitos humanos ocorridas durante o regime. Em 2024, com o lançamento do longa, o cinema se apresenta como uma ferramenta importante para denunciar e estimular novamente o debate sobre a impunidade dos crimes cometidos na ditadura. Esse papel ganha ainda mais relevância no atual contexto, com o fortalecimento da extrema direita no Brasil e das narrativas que negam os crimes praticados durante esse período.

2. OS “ANOS DE CHUMBO” (1969-1978)

Os chamados “Anos de Chumbo” (1969-1978) corresponderam ao período de maior censura e acúmulo de poder nas mãos dos ditadores. Costa e Silva, em seu curto mandato de 11 meses, ampliou e intensificou ainda mais as leis de segurança do país, inaugurando 12 novos atos institucionais, 59 atos complementares e 20 decretos-lei. Após sua renúncia, devido a problemas de saúde, o vice, Pedro Aleixo, foi impossibilitado de tomar posse por não concordar plenamente com as medidas do Ato Institucional nº 5, que intensificava a censura, de modo que uma Junta Militar, composta pelos ministros da Marinha, da Aeronáutica e do Exército fez-se responsável pelo regime. (HERZOG, 2024)

¹ Este termo foi utilizado pela primeira vez pelo historiador René Dreifuss, para designar a responsabilidade do golpe de 1964 também aos grandes empresários, os quais, não só apoiaram sua efetivação, como financiaram todo o período. (SPOHR, 2024) Nesse sentido, o uso dessa expressão torna-se mais viável e crível, pois problematiza as desigualdades econômicas e sociais reforçadas pelo regime e evidencia o apoio decisivo desse setor à implementação e ao investimento de políticas de tortura e censura em diversos centros de repressão.

Durante esse período, houve o sequestro do embaixador estadunidense, Charles Elbrick, por dois grupos opositores da ditadura empresarial-militar, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e a Ação Libertadora Nacional (ALN). Justificando-se estarem em uma guerra revolucionária contra o comunismo, a Junta Militar exacerbou as penas da Lei de Segurança Nacional, que previam a censura e a proibição de manifestações culturais nas ruas e nos meios de comunicação. Seguindo a mesma estratégia de endurecimento da legislação, o regime do general Emílio Garrastazu Médici, eleito em outubro de 1969, foi caracterizado por políticas de estado contrárias às próprias leis do governo, marcadas pelo horror das torturas, das violências e dos assassinatos contra os presos e os sequestrados políticos. (HERZOG, 2024)

Durante a ditadura de Médici, em 1970, foram criados vários locais de tortura chamados Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), inspirados na Operação Bandeirantes (OBAN), criada em 1969, cujo financiamento era proveniente do Estado e de grandes empresas, como a Ford, o Grupo Ultra e a General Motors, a fim de perseguirem e prenderem atuantes do movimento de esquerda. Nesse sentido, os DOI-CODI eram grandes construções onde atuavam o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e a Polícia Federal, liderados por um coronel ou major do Exército brasileiro, responsáveis pela prisão, violências físicas e homicídios. (NASCIMENTO, 2023)

Já no início dos anos 1970, o Brasil enfrentou uma crise econômica provocada pelo aumento do preço do petróleo e pela consequente elevação dos juros nos Estados Unidos. Dependente de petróleo importado e com dívidas externas elevadas, o país sofreu uma desaceleração econômica que abalou o regime militar, enfraquecendo suas bases de sustentação e alimentando o crescimento da oposição. Ernesto Geisel foi eleito indiretamente em 1974, representando uma ala militar favorável a uma transição controlada do regime. Ao assumir a presidência, anunciou um plano de abertura política de forma lenta e gradual. Interrompeu a censura ao jornal Estado de S. Paulo e convocou eleições legislativas. O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido legalizado de oposição, aproveitou sua campanha para expor os crimes que estavam sendo cometidos. Contra as expectativas, o MDB obteve importantes vitórias, ampliando sua presença na Câmara e nas assembleias estaduais. Esse avanço dificultou o controle do governo sobre mudanças constitucionais e fortaleceu as bases para um movimento de redemocratização nos anos seguintes. (HERZOG, 2024)

Entre 1974 e 1977, o governo Geisel foi marcado por uma “democracia relativa”, de modo que foram adotadas medidas autoritárias e tentativas de abertura política. Reagindo à

vitória do MDB nas eleições, houve uma intensificação da repressão ao PCB, restringindo campanhas eleitorais com a Lei Falcão e, em 1977, fechando o Congresso e lançando o "Pacote de Abril". Este pacote ampliou mandatos presidenciais, eliminou eleições diretas para governadores, criou senadores "biônicos" e favoreceu a Arena, partido de Geisel, garantindo um maior controle. Concomitante a isso, o regime enfrentou episódios de oposição militar interna, fragilizando, em certa medida, o poder. Assim, em 1978, iniciou uma distensão política, revogando o AI-5, flexibilizando a Lei de Segurança Nacional e restabelecendo o *habeas corpus*. Contudo, as medidas ainda eram vistas como limitadas pela oposição, que continuava a pressionar, por meio das greves dos sindicatos no ABC paulista e das mobilizações do Movimento Estudantil, por mais liberdades democráticas. (HERZOG, 2024)

3. O CASO RUBENS PAIVA E A LUTA DE EUNICE PAIVA

Rubens Beyrodt Paiva foi deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o mesmo do presidente deposto João Goulart, e teve seu mandato cassado após o golpe militar de 1964. Embora fosse alvo de perseguição política, não estava vinculado diretamente a grupos de luta armada. Paiva também foi vice-presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou irregularidades no Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), uma organização que se opunha ao governo de Goulart e apoiou o golpe. Essa atuação o colocou em uma posição de destaque diante dos militares, implicando a cassação de seu mandato em 10 de abril de 1964. Após o aumento da repressão política no país, ele se exilou na Europa e, meses depois, retomou sua carreira em sua área de formação como engenheiro civil, trabalhando inicialmente em São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro, onde se mudou com sua família. (DAL PIVA, 2016)

No dia 20 de janeiro de 1971, militares da Aeronáutica à paisana invadiram a casa da família no bairro do Leblon, zona sul do Rio de Janeiro, e prenderam Rubens Paiva. Alguns dias depois, sua esposa, Eunice, e a filha mais velha, Eliana, também foram levadas sob investigação no DOI-CODI do Rio de Janeiro, permanecendo detidas durante 12 dias e 24 horas, nessa ordem. Inicialmente, Paiva foi transportado à 3ª Zona Aérea, no Aeroporto Santos Dumont, onde passou por um interrogatório e foi confrontado com duas mulheres que haviam acabado de desembarcar no primeiro voo vindo de Santiago, no Chile. Essas mulheres, que possuíam relações com exilados políticos, traziam cartas endereçadas a Paiva, provenientes de presos libertados em troca do embaixador suíço Giovanni Bucher. Neste mesmo dia, Paiva foi transferido para o Destacamento de Operações de Informações – Centro

de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do I Exército, no Rio de Janeiro, onde teria sido torturado e morto. (DAL PIVA, 2016)

A prisão de Rubens Paiva está inserida no cenário de extrema repressão e violência dos Anos de Chumbo, momento em que os opositores ao regime foram amplamente perseguidos e assassinados. Acredita-se que Rubens teria sido levado devido ao auxílio prestado pela família, abrigando indivíduos que fugiam das perseguições. Ademais, em entrevista ao jornalista Jason Tércio, Eunice Paiva contou que o marido ajudou na fuga de Helena Bocayuva, ligada ao MR-8 e participante do sequestro do embaixador estadunidense em 1969 (DAL PIVA, 2016)

Com o objetivo de não revelar o que realmente sucedeu a prisão do ex-deputado cassado, o Exército falseou um acontecimento, em razão de não revelarem como e onde ocorreu o assassinato de Rubens Paiva. Essa simulação foi divulgada através do jornal Tribuna da Imprensa, relatando que Paiva havia fugido da custódia de policiais com a ajuda de um grupo guerrilheiro. Nesse sentido, a fim de alicerçar a mentira disseminada pelas Forças Armadas, uma sindicância confidencial foi aberta em 1971, para investigar a atuação desses supostos opositores e de Paiva. Além disso, é importante ressaltar o papel significativo que a imprensa teve em perpetuar as inverdades criadas sobre o paradeiro de Rubens Paiva:

Outro aspecto singular desse caso, foi que todas essas primeiras notícias do caso foram divulgadas enquanto Eunice Paiva estava presa, apesar de sua detenção não ter sido mencionada nas matérias. Como analisarei no próximo capítulo, a mulher do parlamentar foi detida no dia seguinte à prisão do marido e junto com Eliana, uma das filhas do casal. Apenas no dia 26 de janeiro, o Jornal do Brasil publicou uma pequena nota informando que o STM iria julgar um pedido de habeas corpus a Rubens Paiva e mencionou então a prisão de Eunice e Eliana. O diário paulista “O Estado de S. Paulo” também noticiou o pedido de habeas corpus no dia 26, mas informou erroneamente que Eunice, além de Eliana, também tinha sido libertada. (DAL PIVA, 2016)

O que é preciso problematizar é que a atuação da imprensa, junto à sindicância, endossou e ainda mais as falácias perpetradas pelos militares, legitimando o regime ditatorial e dando espaço para as torturas e violências ocorrerem sem impedimentos.

Desde o desaparecimento de Rubens Paiva, sua família passou décadas à procura de informações sobre seu paradeiro. Apesar das negações de ajuda e da falta de apoio institucional, Eunice Paiva, símbolo de resistência e mulher ativa na busca por seu marido, persistiu, cobrando investigações, enviando cartas confidenciais ao ministro da justiça, Alfredo Buzaid, e ao próprio Emílio Garrastazu Médici, e pressionando órgãos como o Conselho dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), pela primeira vez em 1971, e, novamente, em 1979. O CDDPH foi uma instituição construída no governo de João Goulart

justamente para garantir o cumprimento dos direitos humanos e denunciar qualquer violação contra eles. No entanto, sua atuação, durante a ditadura, foi caracterizada pela sua dubiedade, visto que, embora o órgão devesse cumprir seu papel, ele não poderia tomar nenhuma atitude efetiva. Por essa razão, o esforço e a dedicação despendidos por Eunice Paiva não obtiveram os resultados corretos e esperados. (DAL PIVA, 2016)

Contudo, é importante ressaltar que, ainda que os pedidos e as denúncias tenham sido recusados, as ações de Eunice tiveram um grande impacto ao provocar debates institucionais e manter viva a memória e a luta pela verdade e justiça. Após o arquivamento do caso de Rubens Paiva pelo CDDPH e pelo Superior Tribunal Militar, Eunice decide se mudar com seus filhos para Santos, em São Paulo, e retoma os estudos realizando o curso de Direito na Universidade Mackenzie, tornando-se militante ativa pelos direitos humanos, especialmente, atuando a favor da anistia aos presos políticos, junto a suas filhas, mobilizadas dentro do Movimento Estudantil. (DAL PIVA, 2016)

Durante a abertura do inquérito do caso Rubens Paiva, ocorrido após a saída dos militares do poder, no governo de José Sarney, em 1986, Amílcar Lobo, médico envolvido com a equipe de tortura do Exército durante a ditadura empresarial-militar prestou depoimento à revista *Veja* afirmando ter atendido Rubens Paiva em estado crítico no DOI-CODI, relatando como ocorriam as torturas nesse período. Essa declaração, somada à influência de outras pessoas importantes no cenário político, amigos da família Paiva, acelerou a investigação do caso, que viria a ser arquivado novamente pouco tempo depois, sob pretexto do Brasil estar vivendo um período de uma democracia ainda muito frágil, e por isso seria necessário deixar o inquérito “no passado”. (BULAMAH; KUPERMANN; MOREIRA, 2014)

4. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE: AVANÇOS, DESAFIOS E CONTRADIÇÕES

Em 2011, foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV) como resultado de uma ampla mobilização da sociedade brasileira, que buscava esclarecer e responsabilizar os crimes cometidos durante a ditadura empresarial-militar. Desde a década de 1970, familiares das vítimas do regime, organizações políticas, movimentos sociais e setores da sociedade civil, lutavam por justiça e informações sobre os desaparecidos. Apesar das dificuldades de revisitar um período tão traumático da história brasileira e de expor os responsáveis pelas violências cometidas, o governo de Dilma Rousseff assumiu o desafio de levar o projeto adiante. A

implementação da Comissão Nacional da Verdade tem um significado especialmente simbólico nesse contexto, uma vez que a trajetória da ex-presidenta foi atravessada pelas violências da ditadura, sendo ela uma ex-presa política e vítima da repressão e da tortura.

Marcelo Rubens Paiva, filho do ex-deputado Rubens Paiva, declarou recentemente em uma rede social² que a Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi fundamental para a escrita de seu livro *Ainda Estou Aqui* (2014). O desaparecimento de seu pai foi um dos principais casos investigados pela comissão, o que possibilitou o esclarecimento de diversos aspectos obscuros que ainda pairavam sobre o caso. Até então, os militares mantinham a versão oficial divulgada em 1971, segundo a qual Rubens havia fugido após o carro que o transportava ser interceptado por “terroristas”. Com os esforços da CNV, foi possível desmentir essa narrativa e reconstruir os verdadeiros eventos que sucederam a prisão do ex-deputado e ocasionaram a sua morte.

Um dos principais feitos da CNV foi reunir depoimentos de militares que atuaram no DOI-CODI do I Exército (RJ), onde Rubens Paiva foi levado. Os coronéis Armando Avólio Filho e Ronald Leão forneceram detalhes fundamentais sobre a sessão de tortura que possivelmente levou à morte de Rubens. Eles relataram ter visto o ex-deputado ser “esmagado” por um militar em uma porta entreaberta e que informaram o ocorrido ao comandante-geral do DOI na época, José Antônio Nogueira Belham. Avólio ainda deu uma pista importante ao mencionar o sobrenome “Hughes”.

Além desses depoimentos, a CNV resgatou dois relatos importantes que foram prestados na década de 1980. O primeiro foi um relato já citado, do tenente-médico do Exército Amílcar Lobo, que afirmou ter atendido Rubens em estado grave poucas horas antes de sua morte, causada por uma hemorragia abdominal. O segundo foi o depoimento de Cecília Viveiros de Castro, presente no livro *Feliz Ano Velho* (1982), de Marcelo Rubens Paiva. Cecília, presa no mesmo dia que Rubens, contou que foi hostilizada por um militar e que Rubens, ao defendê-la, acabou sendo brutalmente agredido. Ela descreveu o agressor como um “oficial loiro de olhos claros”, características que coincidem com as feitas pelo coronel Leão. Com o cruzamento dessas fontes, a CNV conseguiu reconstruir os eventos e identificar o torturador e assassino por trás da porta: Antônio Fernando Hughes de Carvalho.

Embora a Comissão Nacional da Verdade tenha proporcionado avanços significativos na preservação da memória do período ditatorial, bem como na busca por justiça e esclarecimento do destino das vítimas da repressão, seu trabalho também foi marcado por limitações, contradições, discordâncias internas e disputas de ego. Um exemplo notório dessas

² Disponível em: <<https://x.com/marcelorubens/status/1856020159539888172>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

dificuldades foi a falta de cooperação entre as diversas frentes de investigação, como a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro (CEV-RIO) e o Ministério Público Federal (MPF), que buscavam informações sobre o caso Rubens paralelamente.

Apesar dos avanços obtidos, a ausência de comunicação entre essas instituições resultou em problemas significativos. Um ocorrido notório foi a publicação do relatório da CNV sobre o caso, que desconsiderou informações relevantes descobertas pela CEV-RIO, como um depoimento que oferecia pistas sobre o paradeiro do corpo do ex-deputado. Além disso, o relatório foi divulgado antes que testemunhas importantes fossem ouvidas pelo Ministério Público, o que prejudicou o andamento do trabalho conduzido pela instituição.

Outro fator relevante foi o despreparo da CNV na condução dos depoimentos coletados. Muitos depoimentos fundamentais para o avanço das investigações foram guiados por profissionais da área do Direito, que, embora capacitados em suas funções, não tinham preparo específico e nem contavam com uma orientação padronizada sobre como realizar entrevistas tão sensíveis como essas. Além disso, a falta de segurança no tratamento das informações sigilosas comprometeu a confidencialidade dos dados, com vazamentos que expuseram testemunhas e violaram o anonimato prometido pela Comissão.

Talvez a maior das contradições tenha sido a questão da impunidade dos crimes. A Lei da Anistia, promulgada em 1979 e reafirmada em 2010, tinha como objetivo inicial anistiar presos políticos e reintegrar exilados. Contudo, a extensão de seus benefícios aos agentes do Estado tornou-se um dos principais obstáculos à responsabilização pelos crimes cometidos durante o período. Desde o início, a CNV optou por não questionar a constitucionalidade dessa lei. Como resultado, apesar das inúmeras evidências e depoimentos que comprovaram os delitos cometidos pelos militares contra opositores do regime, esses permaneceram livres, e alguns sequer se dispuseram a prestar depoimentos. Hughes, acusado pela morte de Rubens, faleceu em 2005 como um “herói”, ostentando a Medalha do Pacificador, recebida em 1971. Ele nunca chegou a saber que a Comissão Nacional da Verdade o havia identificado, e, mesmo se soubesse, permaneceria impune.

A impunidade de José Antônio Nogueira Belham também se tornou notória. Em contato com a Comissão Nacional da Verdade, o militar apresentou documentos para comprovar que estava de férias quando o ex-deputado foi preso e morto. Entretanto, os próprios documentos fornecidos por ele revelaram que suas férias foram interrompidas no período em questão. Belham era o comandante do DOI durante todos os eventos que marcam o caso Rubens Paiva: a prisão, a tortura, a execução da falsa narrativa do “resgate” e o

desaparecimento do corpo. Ele é, possivelmente, a única pessoa viva que poderia identificar os agentes envolvidos em sua tortura e morte e esclarecer o destino final do seu corpo.

O Ministério Público Federal (MPF) acusou Belham e outros quatro militares de agirem conjuntamente para cometer o crime, sendo que três dos acusados já faleceram. A denúncia foi aceita, mas a defesa recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF), alegando que o caso estaria protegido pela Lei da Anistia, justificativa acatada pelo ministro Teori Zavascki em 2014, que suspendeu a ação penal. Por outro lado, o MPF sustenta que o caso configura um crime contra a humanidade, o que, segundo normas internacionais, não poderia ser anistiado. Após a morte de Zavascki, o processo foi transferido para o ministro Alexandre de Moraes e permaneceu paralisado desde 2018.

Apenas em 21 de novembro de 2024 o caso voltou a ser debatido, após um parecer da Procuradoria-Geral da República (PGR), que sugeriu aguardar uma decisão definitiva do STF sobre a aplicação da Lei da Anistia. Na mesma semana, Rodrigo Roca, advogado dos militares acusados, criticou a reabertura do processo:

[...] agora até o cinema impulsiona o judiciário brasileiro. Isso é muito frustrante. O processo ficou parado 10 anos e editaram um filme, lançaram um filme candidato ao Oscar sobre o tema e o processo voltou a andar, quer dizer, a mensagem que fica do Brasil no cenário internacional é de que os órgãos públicos brasileiros só se mexem quando tem alguém olhando. (ROCA, 2024)³

A repercussão do filme, direta ou indiretamente, está suscitando discussões sobre a impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura. A seguir, vamos analisar esta obra para tentar compreender por que ela tem proporcionado um espaço tão relevante para debater sobre as violências cometidas durante esse período.

5. UMA ANÁLISE DO FILME “AINDA ESTOU AQUI”

Ainda Estou Aqui é um filme de 2024, dirigido por Walter Salles e inspirado no livro de mesmo nome de Marcelo Rubens Paiva, publicado em 2015. Com roteiro de Murilo Hauser e Heitor Lorega, a história acompanha a trajetória de Eunice Paiva, viúva do ex-deputado Rubens Paiva, que teve sua estrutura familiar profundamente abalada pelo regime militar e precisou reconstruir sua vida após as violências que enfrentou. A obra é estrelada por um elenco consagrado no audiovisual brasileiro, Fernanda Torres interpreta

³ Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/distrito-federal/general-acusado-pela-morte-de-rubens-paiva-recebe-salario-de-r-3-5-mil>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Eunice Paiva na juventude, enquanto Fernanda Montenegro assume o papel em sua fase mais madura e Selton Mello dá vida a Rubens Paiva.

O longa-metragem é o primeiro título original do streaming GloboPlay, foi executado pelas produtoras brasileiras RT Features e Videofilmes em parceria com outras empresas, e distribuído pela Sony Pictures Classics. Lançado nos cinemas brasileiros em 7 de novembro de 2024, já levou mais de 2,5 milhões de espectadores às “telinhas”⁴, cativando tanto o público geral quanto a crítica especializada. O longa também tem ganhado destaque no cenário internacional, na sua estreia, no 81º Festival de Veneza, foi aplaudido por 10 minutos⁵, no Rotten Tomatoes⁶, acumula 88% de aprovação com base em 25 avaliações de críticos profissionais, e no Internet Movie Database (IMDb)⁷ registra uma média de 8,9/10 baseada em 8 mil avaliações do público geral.

A repercussão de *Ainda Estou Aqui* alcançou os palcos, recebendo 10 indicações a prêmios nacionais e internacionais e saiu vitorioso em 9 deles. O filme foi indicado ao Globo de Ouro 2025 como “Melhor Filme de Língua Não-Inglesa” e a atuação de Fernanda Torres levou o prêmio na categoria de “Melhor Atriz em Filme de Drama”. Além disso, foi escolhido para representar o Brasil no Oscar 2025 na categoria de “Melhor Filme Estrangeiro”. Especialistas estão esperançosos,⁸ visto que o filme já está atraindo a atenção da Academia e tem grandes chances de receber uma indicação. Em 1999, Walter Salles conquistou o mesmo prêmio com seu aclamado filme *Central do Brasil* (1998), estrelado por Fernanda Montenegro.

Mas de onde vem essa grandiosidade? Por que o filme tem sido tão bem recebido no Brasil e no mundo? Neste texto, exploraremos essas e outras questões. De início, podemos destacar que o grande mérito do longa está na sutileza de sua narrativa, que, ao evitar excessos e exageros, não o torna menor, mas mais potente e impactante. O roteiro gira em torno de uma história linear e simples, que abarca temas “universais” como família, infância, memórias, traumas e luto, ao mesmo tempo em que preserva a originalidade brasileira de

⁴ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/filmes/indicado-ao-globo-de-ouro-ainda-estou-aqui-ultrapassa-25-milhoes-de-espectadores-no-brasil.d8c85f2ed8545e7c6014160f910f5ba5sviepg6ug.html>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁵ Disponível em:

<<https://gshow.globo.com/globoplay/noticia/apos-ser-ovacionado-ainda-estou-aqui-vence-premio-no-festival-de-veneza-2024.ghtml>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/im_still_here_2024>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁷ Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt14961016/>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁸ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2024/11/27/quem-pode-tirar-a-indicacao-de-ainda-estou-aqui-ao-oscar-de-melhor-filme-internacional.ghtml>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

fazer cinema. A produção também recria com muita fidelidade a vida no período histórico abordado, destacando-se pelos figurinos, cenários, e trilha sonora, além de representar, de forma muito sensível e cuidadosa, a repressão dos “anos de chumbo” e os impactos causados pela ditadura empresarial-militar.

Os recursos cinematográficos desempenham um papel fundamental na forma como a história é narrada. Na primeira parte, somos apresentados a uma família feliz, que vive de maneira tranquila em uma casa de frente para a praia do Leblon, no Rio de Janeiro. A rotina dos dois adultos e seus cinco filhos é marcada por uma dinâmica afetuosa: as crianças entram e saem de casa para brincar na praia, Eunice e Rubens recebem amigos, celebram e se divertem e parecem muito apaixonados. As cenas iniciais evocam uma atmosfera nostálgica dos anos 70, com um ambiente ensolarado e cores que remetem às fotografias da época. Essa sensação é intensificada por trechos filmados com uma câmera antiga, usada por uma das quatro filhas de Rubens, Vera Paiva, apelidada carinhosamente de Veroca.



Eunice Paiva e Rubens Paiva⁹



Fernanda Torres como Eunice Paiva e Selton Mello como Rubens Paiva

⁹ Imagem Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ainda-estou-aqui-quem-foi-rubens-paiva-ex-deputado-tema-de-filme-e-morto-na-ditadura/>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

na introdução de *Ainda Estou Aqui* (2024)¹⁰

O filme, inspirado no livro de Marcelo Paiva e nos relatos de familiares e amigos, também carrega um vínculo pessoal do diretor Walter Salles. Em uma entrevista¹¹, ele contou que foi amigo de Ana Paiva na adolescência, a irmã do “meio” apelidada de Nalu. Devido a essa amizade, Salles frequentou a casa dos Paiva, e encontrou nesse ambiente, um mundo que contrastava com a realidade da sua própria família. Segundo o diretor, a dinâmica da família era calorosa e aberta, de modo que as crianças, os adolescentes e os adultos eram tratados igualmente. Além disso, a casa abarcava diversas referências culturais e políticas da época; foi lá que Salles teve seu primeiro contato com a Tropicália e ouviu debates acalorados sobre a situação política durante a Ditadura.

Essa atmosfera calorosa é reforçada na primeira aparição de Rubens em cena, quando ele aceita cuidar de um cachorro abandonado que foi encontrado por seu único filho, Marcelo. A forma como o personagem é introduzido tem uma intenção clara de construir uma afeição do público pela figura de Rubens, um homem carinhoso, alto-astrol e próximo de sua família, características sempre lembradas por seus familiares e amigos. Marcelo Rubens Paiva elogiou a atuação de Selton Mello¹², destacando que o ator, mesmo limitado a relatos e fotografias, conseguiu capturar de forma impressionante a essência de seu pai.

A harmonia familiar é quebrada quando a repressão ditatorial, que até então se limitava a uma ameaça à espreita, invade a casa dos Paiva. A partir desse momento, o filme adota um tom completamente oposto, com cores frias e escuras que refletem o medo e a angústia vividos por Eunice. A casa, quase um personagem da história, transforma-se em um espaço vazio e desconfortável, suas portas ocultam segredos e oferecem brechas que permitem que as crianças escutem os segredos dos adultos. Em uma cena marcante, os invasores que levam Rubens para “apenas um depoimento de rotina”, fecham as cortinas da casa, e, de forma literal, aquele ambiente perde sua luz. A maior parte do filme se desenvolve a partir desse ponto, à medida em que o “até logo” de Rubens vai, pouco a pouco, transformando-se em uma despedida definitiva.

¹⁰ Imagem Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/noticias/filmes/ainda-estou-aqui-critica>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

¹¹ Disponível em: <<https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/walter-salles-reviver-a-historia-de-rubens-paiva-e-entender-o-brasil-de-hoje/>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o4Uy79VbFBo>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Nos dias seguintes, Eunice e sua filha mais velha presente, Eliana, também são levadas de forma violenta ao DOI-CODI, mas, ao contrário de Rubens, são interrogadas e libertadas. Juntos, a família aguarda o seu retorno, que nunca acontece. Com a certeza de que o marido não voltaria, Eunice devolve a casa alugada no Leblon e se muda para São Paulo com as quatro filhas e o filho. Durante esse período de angústia e incertezas, ela assume não só o controle emocional, mas também a responsabilidade financeira da família, papel que até então era atribuído ao “homem da casa”. Dessa forma, Eunice adota uma postura contida com o objetivo de proteger os filhos, mas o seu silêncio não era, de maneira alguma, passivo; era uma forma de resistência. Ela passa a reunir todas as pistas sobre o desaparecimento de Rubens, tentando remontar os acontecimentos, e só encerra quando obtém o atestado de óbito do marido.

Toda obra cinematográfica é resultado de uma série de escolhas narrativas que definem o que é relevante para a mensagem que o diretor deseja transmitir, de modo que muitos elementos ficam de fora. Sem dúvidas, essa história abarca um contexto social e econômico específico, focando nos desafios de uma classe média de esquerda durante o regime militar. Embora o filme seja inspirado em um livro de memórias familiares e busque retratar o caso Rubens, há várias brechas que poderiam ter sido exploradas para ampliar esse contexto, mostrando como a ditadura afetou diferentes populações, a depender da classe, da raça e do gênero.

Um exemplo é a personagem Zezé, empregada da casa, que assume todas as tarefas quando Rubens e Eunice são presos. Com a prisão de Rubens, Eunice perde acesso às contas bancárias e não consegue pagar as despesas, tendo que demitir Zezé. A personagem, tratada de forma superficial, não expressa muitas opiniões sobre o que está acontecendo e não tem sequer uma cena se despedindo das crianças, que criava como se fosse mãe. Como Zezé se sentia em relação ao regime militar? Para onde ela foi? Como a ditadura impactava o lugar onde ela foi morar? Sabemos que mulheres como Zezé são, em sua maioria, marginalizadas e relegadas a espaços profundamente afetados pela ditadura, onde a violência e a invasão eram as regras do “jogo”, e não a exceção como o que aconteceu na casa de praia no Leblon.

Outro ponto problemático do filme é a forma romantizada com que a família Paiva é retratada, sugerindo que seria mais injusto a destruição dessa família do que a de outras configurações familiares, não tradicionais, que também tiveram suas vidas impactadas pela ditadura. A mídia da época destacou o caso com indignação, questionando como era possível que um pai de família fosse preso. Em 2024, o filme reproduz essa abordagem, reforçando, em diversas ocasiões, que Rubens Paiva não apoiava a luta armada e que seu único “crime”

foi entregar cartas e ajudar outras famílias. Ele é retratado quase como um herói mítico, pai e marido perfeito, livre de contradições. Parece que, ao retratá-lo dessa forma, o filme sugere que, se ele tivesse optado pela resistência armada, sua vida e sua história perderiam valor.

Além disso, o longa dedica pouco tempo à trajetória de Eunice Paiva enquanto uma advogada renomada na defesa dos direitos indígenas, um grupo que sofreu violência sistemática durante a ditadura no Brasil. Após se tornar viúva e se mudar com os cinco filhos para São Paulo, Eunice ingressou na faculdade de Direito, equilibrando a vida de mãe e provedora com a rotina acadêmica. Ao se formar, tornou-se uma advogada respeitada e se engajou ativamente em lutas sociais e políticas. Ela se opôs à política indigenista do regime até o fim da ditadura, tornando-se uma das poucas especialistas em direito indígena do país.

Sem dúvidas, o cinema brasileiro precisa de mais filmes com a mesma proporção deste, mas que abordem esse período a partir de recortes diversos. Por outro lado, é importante reconhecer a potência de *Ainda Estou Aqui*, uma obra repleta de nuances, que retrata de maneira sensível e intimista um período traumático da história brasileira. A produção expõe um Brasil que “ainda está aqui”, uma história do que “fomos”, mas que, de certa forma, ainda “somos”. O roteiro estabelece um paralelo interessante entre a perda de memória de Eunice, causada pelo Alzheimer, e a perda da memória política de um país que se recusa a enfrentar as fissuras do seu próprio passado. Cinquenta e três anos não foram suficientes para punir os responsáveis pela morte de Rubens e de outras milhares de vítimas da ditadura. Enquanto isso, enfrentamos um retrocesso político marcado pelo fortalecimento da narrativa revisionista da extrema direita, que nega as violências do regime e estimula a popularidade de figuras que exaltam torturadores, como o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente, *Ainda Estou Aqui* retrata um dilema da classe média e é atravessado pelo olhar do seu diretor, um cineasta herdeiro de uma fortuna bilionária¹³. Contudo, o filme vai além, lançando luz em questões estruturais para compreender o Brasil do século XXI. O cinema, enquanto ferramenta de denúncia e politização, tem a capacidade de nos transportar para diferentes realidades e nos sensibilizar por meio das histórias que narra. Através das

¹³ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/economia/banco-chinelos-e-ate-niobio-de-onde-vem-a-fortuna-de-walter-salles-um-dos-cineastas-mais-ricos-do-mundo.c3c93d53115fa3f53c6f73c1d4ac5ea3cxg4n7z7.html>>. Acesso em: 12 dez. 2024.

figuras de Rubens, Eunice e seus cinco filhos, somos convidados a refletir sobre os impactos do regime militar na vida de diversas famílias. A frase final, que evidencia a impunidade desses criminosos até os dias de hoje, nos deixa com um “nó na garganta” e nos faz pensar em como os ecos desse passado ainda reverberam no presente.

A história de Rubens é um caso de luto sem corpo, uma marca característica das ditaduras latino-americanas, que acreditavam que desaparecer com o corpo significava apagar completamente a pessoa. Infelizmente, esse projeto alcançou certo êxito: até hoje, o paradeiro de inúmeras vítimas do regime militar permanece desconhecido. Muitas delas sequer têm rosto ou nome conhecidos, pessoas marginalizadas que morreram sem deixar vestígios na memória coletiva. Enquanto isso, torturadores e assassinos, responsáveis por essas atrocidades, permaneceram impunes e envelheceram com honrarias, alguns ainda vivos, levam vidas de luxo financiadas pelo próprio Estado.

O filme, nesse sentido, nos convida a sentir as ausências deixadas pelas vítimas da ditadura, expondo os ideais pelos quais elas lutaram. A narrativa escancara um Brasil que está tentando se reinventar, projetando um futuro e uma modernidade, mas incapaz de avançar sem antes enfrentar as feridas abertas de seu passado. As estruturas opressoras do Estado brasileiro, longe de serem superadas, continuam impactando a vida de grande parte da população diariamente. Por outro lado, *Ainda Estou Aqui* estimula reflexões sobre o que já foi conquistado e o que ainda precisa ser construído ou reconstruído para alcançarmos uma sociedade mais justa. Mais do que expor as dificuldades do passado e do presente, oferece um vislumbre de esperança, sugerindo a possibilidade de um novo amanhã.

7. REFERÊNCIAS

AINDA ESTOU AQUI. Direção: Walter Salles. Roteiro: Heitor Lorega; Marcelo Rubens Paiva; Murilo Hauser. Produção: Arte France Cinéma; Canal+; Ciné+OCS; Conspiração Filmes; Globoplay; MACT Productions; RT Features; Videofilmes. Rio de Janeiro; Londres: Sony Pictures Releasing, 2024. 1 DVD (136 min) sonoro, legenda, cor, 35mm.

ALMEIDA, Alexandre; RENTE, Ricardo. 234 - Ainda Estou Aqui (2024). In: Spotify, *Cinemou! Podcast*. Áudio. 08 nov. 2024. 102 minutos e 26 segundos. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3m4IdcRSzCm8sZ2fzL1WW1?si=btkXHFoQREiPtWr8z9sOA>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ALVES, Beatriz. “Ainda Estou Aqui”: quem foi Rubens Paiva, ex-deputado tema de filme e morto na ditadura. CNN Brasil, 08 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ainda-estou-aqui-quem-foi-rubens-paiva-ex-deputado-tema-de-filme-e-morto-na-ditadura/>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

AMARAL, Alexandre. #101 - Ainda estou aqui. In: Spotify, *Cartas de um Terapeuta*. Áudio. 14 nov. 2024. 45 minutos e 19 segundos. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1ZeizBFH0OVB7ud8Ic9oNU?si=dvkGVch3SgWAsU2lu3VBjg>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ANIC, Luara; PAIVA, Marcelo. Marcelo Rubens Paiva: “Perdoar faz muito mal ao país”. In: Spotify, *Podcast da Semana*. Áudio. 25 jun. 2023. 32 minutos e 45 segundos. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4624jrSmoTqkGPYIPZd6ug?si=i7hazC1WQISXKx61OQcEXg>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

BULAMAH, L. C.; KUPERMANN, D; MOREIRA, L. E. de V. Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a ditadura militar. *Analytica: Revista de Psicanálise, [S. l.]*, v. 3, n. 4, p. 173–200, 2014. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/629>. Acesso em: 01 dez. 2024.

CÂMARA HOJE. Documentos obtidos pela Comissão da Verdade comprovariam que Rubens Paiva foi assassinado pela ditadura militar. *Programas da TV Câmara*, 25 de mar. 2013. 03 minutos e 59 segundos. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/399184-documentos-obtidos-pela-comissao-da-verdade-comprovariam-que-rubens-paiva-foi-assassinado-pela-ditadura-militar/>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

CARVALHO, Priscila. 'Ainda estou aqui': por que caso da ditadura relatado no filme segue sem resolução no STF. *BBC NEWS Brasil*, 13 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj6e5886n3do>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

CASTRO, Juliana; DAL PIVA, Juliana. Mulher de general acusado por morte de Rubens Paiva foi assessora de Bolsonaro. *Época*, 16 jul. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/mulher-de-general-acusado-por-morte-de-rubens-paiva-foi-assessora-de-bolsonaro-23844994>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório preliminar de pesquisa: Caso Rubens Paiva. Rio de Janeiro, 27 fev. 2014. Disponível em: <<https://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/upload/003-relatorio-preliminar-CNV.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2024.

DAL PIVA, Juliana Schwartz. A construção da busca por Rubens Paiva: um estudo de caso nas investigações sobre o desaparecimento do parlamentar. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FURUNO, Daniel. Comovente, Ainda Estou Aqui discute a impunidade dos crimes da ditadura militar. *Jovem Nerd*, 23 out. 2024. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/noticias/filmes/ainda-estou-aqui-critica>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

G1. Quem pode tirar a indicação de ‘Ainda Estou Aqui’ ao Oscar de melhor filme internacional. *g1 Pop & Arte*, 27 nov. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2024/11/27/quem-pode-tirar-a-indicacao-de-ainda-estou-aqui-ao-oscar-de-melhor-filme-internacional.ghtml>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

GSHOW. Após ser ovacionado, 'Ainda Estou Aqui' vence prêmio no Festival de Veneza 2024. Globo Play, 07 set. 2024. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/globoplay/noticia/apos-ser-ovacionado-ainda-estou-aqui-vence-premio-no-festival-de-veneza-2024.ghtml>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

HERZOG, Instituto Vladimir. *Anos de terror: de 1969 a 1978*. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/anos-de-terror-de-1969-a-1978/>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

IMDB. I'M STILL HERE. IMDb, 2024. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt14961016/>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA. EM DETALHES - 27/03/24 - O ASSASSINATO DE RUBENS PAIVA E O PERDÃO AOS CRIMES DE MILITARES NO REGIME. YouTube, 27 mar. 2024. 40 minutos e 22 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yY9CBakO9vI>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ISABELA BOSCOV. "Ainda Estou Aqui": Fernanda Torres esplêndida em um filme belíssimo. YouTube, 06 nov. 2024. 09 minutos e 19 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IlpUAEFmZD0>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

LEITE, Duda. Walter Salles: “Reviver a história de Rubens Paiva é entender o Brasil de hoje”. Harpers Bazaar Brasil, 07 nov. 2024. Disponível em: <<https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/walter-salles-reviver-a-historia-de-rubens-paiva-e-entender-o-brasil-de-hoje/>>. Acesso em: 06 dez. 2024.

LIMA, Lorryne. Escrevendo e reescrevendo a história: Narrativas de si e Herança de resistência ao golpe civil-militar no Brasil nas obras de Marcelo Rubens Paiva (1982/ 2015). 2023. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

MANOEL, Jones. Uma análise do filme Ainda estou aqui. In: Spotify, *Jones Manoel*. Áudio. 22 nov. 2024. 26 minutos e 23 segundos. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6S4OwRC4yhdAqoatGsCYbA?si=aLrbAeRTzCnlzIXR3PvVw>>. Acesso em: 03 de dez. 2024.

MARTINS, Jonatas. Martins General acusado pela morte de Rubens Paiva recebe salário de R\$35 mil. Metrôpoles, 24 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/general-acusado-pela-morte-de-rubens-paiva-recebe-salario-de-r-35-mil>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

NASCIMENTO, Mírian Kelly Fontineles do. Patrimônio sensível o DOI-CODI do Rio de Janeiro. In: SCHECHNER, Caio Rodrigues (Org) (et al). **História através da História a (vol. 2): pesquisas do PPGH/UFF**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 287-300. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2023/06/EBOOK_Historia-atraves-da-Historia-vol.-2-pesquisas-do-PPGHUFF.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

OLIVEIRA, Flávia; REIS, Isabela. Marielle, Ainda estou aqui #260. In: Spotify, *Angu de Grilo*. Áudio. 05 de novembro de 2024. 130 minutos e 38 segundos. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/6UBNWCMUppMzcBCGpHieUr?si=bW3Br3iUQTuBrfD O4davbA>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ORA THIAGO. Meu problema com AINDA ESTOU AQUI (e a "SALVAÇÃO" plataformizada do Cinema Brasileiro). YouTube, 25 nov. 2024. 28 minutos e 38 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tutZaBgUDIs>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

PAIVA, Marcelo Rubens. Tenho dito! Por conta da Comissão da Verdade, tive elementos para escrever o livro Ainda Estou Aqui. Twitter, 11 nov. 2024. Disponível em: <<https://x.com/marcelorubens/status/1856020159539888172>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PINTO, Flávio. "Ainda Estou Aqui": todos os prêmios que o filme já ganhou até agora. CNN Brasil, 25 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ainda-estou-aqui-todos-os-premios-que-o-film-e-ja-ganhou-ate-agora/>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

PRADO, Pedro Benjamin. Indicado ao Globo de Ouro, "Ainda Estou Aqui" ultrapassa 2,5 milhões de espectadores no Brasil. Terra, 9 dez. 2024. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/filmes/indicado-ao-globo-de-ouro-ainda-estou-aqui-ultrapassa-25-milhoes-de-espectadores-no-brasil.d8c85f2ed8545e7c6014160f910f5ba5sviep6ug.html>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

REDAÇÃO TERRA. Banco, chinelos e até nióbio: de onde vem a fortuna de Walter Salles, um dos cineastas mais ricos do mundo. Terra Economia, 25 set. 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/banco-chinelos-e-ate-niobio-de-onde-vem-a-fortuna-de-walter-salles-um-dos-cineastas-mais-ricos-do-mundo.c3c93d53115fa3f53c6f73c1d4ac5ea3cxg4n7z7.html>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

REDE TVT. AINDA ESTAMOS AQUI | Marcelo Rubens Paiva no Juca Kfourri Entrevista. YouTube, 31 out. 2024. 54 minutos e 02 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnQtDdan1rs>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ROTTEN TOMATOES. I'M STILL HERE. Rotten Tomatoes, 2024. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/im_still_here_2024>. Acesso em: 1 dez. 2024.

SANTA TEREZA TEM. Discurso do Deputado Rubens Paiva na Rádio Nacional. YouTube, 21 mar. 2014. 05 minutos e 29 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YdWGPqEwd_k&t=61s>. Acesso em: 03 dez. 2024

SANTOS, Darlan Roberto dos. A ditadura militar em xeque nas autobiografias de Marcelo Rubens Paiva e Fernando Gabeira. Revista Literatura em Debate, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 139–149, 2013. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/1042>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SANTOS, Darlan Roberto dos, Trinta anos de Feliz ano velho: Marcelo Rubens Paiva e os anos de chumbo. In. BASTOS, Alcmeno (Org.) (Et al). **Fórum de literatura brasileira contemporânea 7**. Rio de Janeiro: Editora Torre, 2012. Cap. 1, p. 13-29.

SPOHR, Martina. Empresariado, ditadura e transição política: reflexões sobre o regime empresarial-militar no contexto do governo Ernesto Geisel (1974-1979). Revista Tempo e

Argumento, Florianópolis, v. 16, n. 41, p. e0101, 2024. DOI: 10.5965/2175180316412024e0101. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180316412024e0101>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SUPER OITO. AINDA ESTOU AQUI é bom? - Vale Crítica. YouTube, 17 nov. 2024. 15 minutos e 38 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yPD6aNjtZto>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

TEODÓZIO, Ana Cristina. *Memória arquivada: Marcelo Rubens Paiva em “Ainda Estou Aqui” (2015)*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – [Universidade Federal de Sergipe], [2016].